
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 27 No.2 2014

ARTIGO

A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SERRA NEGRA: ALTO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS – IMPLANTAÇÃO, REPERTÓRIO CULTURAL E ANÁLISE TECNOLÓGICA

Marcelo Fagundes*, Mirian Liza Forancelli Pacheco**, Hernando Baggio Filho***, Alexandre Christóforo Silva****, Fábio Henrique Alves Bispo*****

RESUMO

A Área Arqueológica de Serra Negra está localizada na face leste da Serra do Espinhaço Meridional, Minas Gerais. Está constituída por 56 sítios, sendo todos abrigos sob rocha, a maioria com presença de painéis rupestres. Este artigo tem como objetivo apresentar as principais características da área, discutindo questões referentes à implantação dos sítios na paisagem, características geoambientais e repertório cultural. Como norte teórico optou-se em discutir acerca do conceito de paisagem, baseado, principalmente, no de lugares persistentes. Para tanto, foi necessário adotar a multidisciplinaridade como base de pesquisa, utilizando métodos e técnicas de várias Ciências. Como resultado espera-se uma compreensão mais assertiva acerca do sistema regional de assentamento, bem como evidenciar as principais características do repertório cultural.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem, Serra do Espinhaço, Arte rupestre.

ABSTRACT

The Serra Negra Archaeological Area is located on the east side of the Espinhaço Ridge, Minas Gerais state. It is consisted of 56 archaeological sites. All are rock shelters, mostly with the presence of rock art, deployed in different biomes that constitute the area. This article aims to present the main features of the archaeological area and to discuss about issues related with the implantation of the archaeological sites in the landscape, geoenvironmental features, and cultural repertoire. As theoretical referential, it was discussed about the landscape archeology, mainly based on persistent places concept. Therefore, it was necessary to adopt a multidisciplinary approach based on research, using various methods and techniques by different Sciences applied to Archaeology. As a result it is expected a more assertive responses about the regional settlement system as well as highlight the main features of the cultural repertoire.

Key words: Landscape Archaeology, Espinhaço Ridge, Rock art.

* Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/UFVJM)

** Docente da Universidade Federal de São Carlos.

*** Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

**** Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

***** Mestre em Ciências Agrárias. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

1. INTRODUÇÃO

Faz algum tempo (FAGUNDES 2007, 2009, 2011, 2014; FAGUNDES & PIUZANA, 2010; FAGUNDES et al, 2012a, 2012b) que se tem compreendido a paisagem como uma construção, modificada em sua materialidade ou imaterialidade conforme as necessidades humanas ao longo do tempo. Por necessidade entende-se qualquer ação realizada pelo comportamento humano para satisfação de ordem biológica (alimentação ou proteção, por exemplo), como as simbólicas vinculadas à religião, à vida política, às relações de poder ou gênero, para ser sucinto.

Partindo desse pressuposto, o Homem modifica o ambiente onde se estabelece para moldá-lo às suas necessidades, ao mesmo tempo em que esta mudança, em alguns casos, não é operada materialmente.

As características geoambientais regionais podem representar as idealizações de um determinado grupo cultural. Portanto, uma serra, um rio ou uma mata podem ser entendidos em termos êmicos como entidades vivas, dotadas de sentimento e ações e, neste caso, fazem parte do repertório cultural daquele grupo.

Para análise da paisagem pré-colonial na Área Arqueológica de Serra Negra, localizada entre os municípios de Felício dos Santos, São Gonçalo do Rio Preto e Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba, Alto Vale do Rio Araçuaí (Figura 01), tem-se aplicado os conceitos advindos da Arqueologia da Paisagem, utilizando-se métodos e técnicas multidisciplinares a fim de se inferir mais assertivamente possível acerca de itens importantes para a compreensão do registro arqueológico, a saber:

- Distribuição espacial e temporal dos sítios arqueológicos identificados. Até então foram identificados 56 sítios arqueológicos, implantados em abrigos sob rocha com presença de figurações rupestre, majoritariamente associadas à Tradição Planalto. Até o momento nenhum sítio a céu aberto foi identificado. Há alguns relatos de moradores sobre a presença de “coriscos” (lâminas de machado polidas) evidenciados em áreas de terraços, próximas aos pequenos córregos, entretanto os locais são imprecisos. Questionados sobre a presença de “cacos de panelas”, os informantes afirmam veementemente nunca terem visto, mesmo em campo arados, uma constante no Alto Jequitinhonha. Mais recentemente, uma lâmina de machado e alguns poucos fragmentos de cerâmica (doze no total), foram evidenciados em estratigrafia na escavação do sítio Cabeças 4, sendo datados em 480 ± 30 (BETA 379291).

- Análise cronoestilística dos grafismos rupestres identificados pela equipe (LEITE, 2012; FERREIRA, 2012; FAGUNDES et al, 2012b, LEITE & FAGUNDES, 2014; FERREIRA & FAGUNDES, 2014).

- Análise tecnológica dos artefatos materiais identificados nas escavações pontuais (SANTOS, 2013; PERILLO FILHO, 2013, 2015; SILVA, 2014).

- Análises físico-químicas e arqueométricas, ligadas principalmente a geoquímica ambiental, de forma a identificar regularidades nas escolhas efetuadas pelo grupo (ou grupos) que ocupou a área, possíveis padrões de

assentamento e implantação destes sítios na paisagem (FAGUNDES et al, 2012a; FLORESTA, 2013; FLORESTA et al, 2015).

- Utilização de variáveis geográficas para compreensão dos processos de escolha na implantação destes sítios arqueológicos.
- Utilização maciça do SIG (Sistema de Informações Geográficas), para o mapeamento em detalhe dos sítios arqueológicos identificados, indicando suas principais características geoambientais de modo a estabelecer modelos preditivos que indiquem possíveis locais que possam existir sítios ainda não identificados (KNEGT, 2015). Os modelos preditivos são ferramentas essenciais nesta pesquisa, sobretudo em função da própria topografia do terreno, condições de acesso a muitos locais e mesmo o avanço descontrolado da atividade mineradora, responsável pela destruição de vários sítios arqueológicos¹.
- Mapeamento faunístico e florístico dos Complexos Arqueológicos constitutivos da Área Arqueológica de Serra Negra (PACHECO, 2012; FAGUNDES et al, 2012a).
- Identificação e classificação dos sítios arqueológicos evidenciados, isto por meio de suas características de localização e implantação.

Neste sentido, este artigo tem como foco apresentar as principais características dos sítios arqueológicos do Alto Vale do Araçuaí (primeira aproximação), área que não constava até então com nenhuma pesquisa arqueológica sistemática, sendo que este conjunto de assentamentos pré-coloniais era desconhecido pela literatura especializada e, pior, correm o risco eminente de destruição em curto período de tempo.

¹ Recentemente, em Felício dos Santos na região de Três Fronteiras sítios arqueológicos foram destruídos em função da exploração ilegal de quartzito (FAGUNDES, 2012b).

Figura 01 - Localização da área de pesquisa. Fonte: IBGE, 1977. Adaptação: LAEP/2013.



2. A PAISAGEM COMO CONCEITO ARQUEOLÓGICO

Em outros trabalhos (FAGUNDES, 2007, 2009, 2011, 2012a, 2012b, 2014; FAGUNDES & PIUZANA, 2010; FAGUNDES et al, 2012b), tem-se investigado intensamente na compreensão do que seja Paisagem (cultural ou arqueológica). Parte-se do princípio que se trata de uma construção humana, vinculada à teia de significados dados a um determinado grupo.

Pensar a paisagem é repensar o lugar, visto em sua materialidade e espiritualidade, no que Cosgrove (1998) denominou de “camadas de significado”. Uma tarefa cara para arqueólogos, mas de fundamental importância para compreensão de uma Arqueologia Regional (FAGUNDES, 2014).

É notório que todo grupo humano realiza percepções sobre sua paisagem e, portanto, o lugar onde habita é circunscrito em processos simbólicos e de significação vinculados à cultura, estabelecendo referências que demarcam seu território (MAUSS, 1974; FAGUNDES, 2007; DESCOLA, 1999).

Muitos pesquisadores (antropólogos, geógrafos, historiadores ou arqueólogos), tem buscado uma assertiva em que o sujeito experimenta seu espaço, faz construções cognitivas e o idealiza conforme sua percepção do que é o mundo (KNAPP, 1999; COSGROVE, 1998; RACZKOWSKI, 2001, DESCOLA, 1999). Com base nestes pressupostos, aqui se entende que a paisagem deve ser vista em sua materialidade, isto é em seus aspectos fisiográficos, bem como em sua espiritualidade (imaterialidade), sob uma escala diacrônica e holística, marcando sua História de Vida ao longo do tempo. Costuma-se definir que a pesquisa arqueológica deve ter a preocupação calcada na tríade *Cultura x Tempo x Espaço* (FAGUNDES, 2014).

Com base nos pressupostos de Cosgrove (1998), refletindo sobre questões sincrônicas e “geográficas”, formulou-se a hipótese “arqueológica” de que desde a implantação de sítios arqueológicos e lugares de interesse arqueológico, da análise do repertório cultural até caracterização geoambiental para Arqueologia: a paisagem sempre é composta por estas muitas “camadas de significados” relacionadas à História de Vida de diferentes populações; do universo simbólico às relações de poder ou gênero; de interesses de viés econômico, social, político ou religioso e das tensões conflitos inerentes à vida social (FAGUNDES, 2014).

A paisagem é, assim, um fenômeno social em que contextos históricos e culturais específicos definem características simbólicas ímpares. Por isso tem-se mais do que um produto humano, da construção humana, podendo ser definida como um espaço social humanizado: no tempo, no espaço e na cultura.

Em termos antropológicos, acredita-se que a paisagem passa a ser lida e interpretada como símbolo e tendo papel de destaque nas representações sociais de um dado grupo enquanto bem cultural. Pode ser compreendida como uma construção social e, portanto, um fato social total conforme postulado *maussiano* (MAUSS, 1974; FAGUNDES, 2014).

De qualquer forma, em meio a um emaranhado de conceitos, preferiu-se na pesquisa aqui apresentada apropriar-se do estabelecido por Sarah Schlanger (1992), compreendendo o uso da paisagem em termos do que a autora

denominou como *persistent places*, ou seja, locais usados repetitivamente durante a ocupação de uma região; partindo do pressuposto de que em função de certas particularidades (tanto de ordem ecológica, histórica, econômica, política, social, religiosa ou cultural), os espaços são ocupados em longa duração refletindo na distribuição e formação do registro arqueológico.

3. METODOLOGIA DE ANÁLISE – IMPLANTAÇÃO DE SÍTIOS E INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO:

Teoricamente, o conceito de paisagem tem sido um atrativo para diferentes pesquisadores. É cada vez mais comum o uso do conceito, mesmo que de maneira secundária, entre arqueólogos.

Para a concretização das prerrogativas aqui expostas, alguns procedimentos foram e estão sendo executados, a saber:

a) Prospecção intensiva

A equipe do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/UFVJM) tem realizado prospecções intensivas na Área Arqueológica de Serra Negra desde 2010, resultando em 56 sítios arqueológicos cadastrados. Notoriamente trata-se de uma região de difícil acesso e a maior parte dos trajetos são feitos por meio de caminhadas em meio às altas serras que compõem a face leste do Espinhaço.

No início, sem um conhecimento prévio da “realidade” arqueológica regional, a localização dos sítios arqueológicos era mais complicada e, na maioria das vezes, necessitava de apoio de guias da comunidade para a localização dos assentamentos. Atualmente, esta também é uma realidade, mas as prospecções permitiram o estabelecimento de alguns modelos preditos, fundamentais para esta fase da pesquisa. Cabe ressaltar, que as prospecções estão em andamento, uma vez que se calcula que não foi prospectada nem 10% da área total pretendida.

Para as prospecções, com auxílio de GPS, todos os sítios arqueológicos, ou áreas de interesse arqueológico (com potencial ecológico; afloramento rochosos/ minerais; rios e terraços; trilhas utilizadas pela comunidade; entre outros *lugares persistentes*), foram devidamente mapeados. Os dados resultaram em um banco de dados com mais de 800 mapas produzidos.

Em laboratório, diferentes softwares são utilizados para obterem-se resultados fundamentais para a linha de pensamento aqui adotada.

b) Geoprocessamento

Os resultados de campo, como dito, permitiram a obtenção de variáveis de dados geoambientais e arqueológicos fundamentais para a construção de uma cartografia voltada para a Arqueologia, tendo como objetivo a compreensão da implantação dos sítios arqueológicos e distribuição na paisagem Regional (KNEGT, 2015).

Com os dados devidamente mapeados, comparações e especulações puderam ser efetuadas com a maior assertividade possível. Além de cartas

topográficas disponíveis, imagens de satélite de alta resolução têm sido utilizadas para criação de modelos 3D, ferramenta fundamental para inferência sobre a implantação dos sítios arqueológicos e o estabelecimento de modelos arqueológicos para a área.

Mais recentemente Knecht (2015), apresentou sua dissertação de mestrado centrada na construção de modelos preditivos para prospecção arqueológica. Sua pesquisa, além de uma caracterização geográfica minuciosa da região como um todo, forneceu uma nova ferramenta de análise das relações entre Arqueologia e Ambiente.

c) Dados geoambientais

Dentro dos pressupostos aqui assumidos, a elaboração de dados geoambientais voltados para a Arqueologia se fazem extremamente pertinentes, para tanto se tem buscado:

- Caracterização ambiental atual, com auxílio das Geociências e Ecologia (PACHECO et al, 2011; FAGUNDES et al, 2012A, KNEGT, 2015).
- Análises pedológicas, sobretudo indicando a natureza dos sedimentos, composição química e indicadores de ocupações humanas (FAGUNDES et al, 2012a). Essas análises foram efetuadas em todos os sítios arqueológicos, resultando em mais um dado sobre densidade e período de ocupação nos sítios arqueológicos.
- Análises arqueométricas, sobretudo de sedimentos, pigmentos da arte rupestre e datações por ^{14}C , AMS, LOE e TL (FLORESTA, 2013; FLORESTA et al, 2015). Sendo estas análises realizadas nos cinco sítios escavados, com cronologias entre 6290 ± 30 (BETA 379290, datação do sítio Cabeças 4) e 270 ± 20 (BETA 310324, datação do sítio Itaguá 02).
- Palinologia e antracologia, como parte das análises paleoambientais, tem-se buscado nestas Ciências para compreensão do ambiente que as ocupações foram efetuadas. Os dados ainda estão em processamento.

d) Escavações sistemáticas

Apenas com o cruzamento dos dados, por meio do estabelecimento de critério de semelhanças e diferenças entre os sítios arqueológicos identificados, é que há a seleção de sítios para escavações sistemáticas. Até o momento foram escavados os sítios:

- Itaguá 02 – sua escavação resultou em várias datações absolutas em uma sequência entre 130 ± 20 anos AP (método LOE em sedimento entre 3 e 4 cm de profundidade) até 680 ± 110 anos AP (método ^{14}C por carvão associado à estrutura de combustão). Deve-se destacar que as datações foram obtidas apenas para o primeiro pacote de ocupação, sendo que o nível mais antigo não se obteve material que permitisse datação. Trata-se de um grande abrigo, continuamente ocupado (dados obtidos pela análise sedimentar), com uma riquíssima indústria lítica, onde se observar todos os componentes da cadeia operatória. Além do material lítico, os únicos vestígios de ocupação humana

pretérita são os painéis rupestres (espalhados pelas paredes do abrigo), algumas poucas sementes e uma ferramenta polida em madeira fossilizada. Há total ausência de material faunístico e cultura material cerâmica. Atualmente o conjunto artefactual lítico é estudado por Atila Perillo Filho (mestrando do PPG em Antropologia da UFPEL) e a arte rupestre do complexo arqueológico como todo em que o Itanguá está inserido é tema da pesquisa de mestrado de Valdinêy Amaral Leite (PPG em Antropologia da UFMG).

- Cabeças 02 – Trata-se de outro abrigo sob rocha com muito painéis rupestres filiados à Tradição Planalto. Sua escavação resultou na evidência de duas estruturas de combustão sendo obtendo-se as seguintes cronologias: de 230 ± 30 anos A.P. (Beta 379288/ AMS) para quadrícula K2, nível 5, camada 01; e de 1970 ± 30 anos A.P. (Beta 379292/ AMS) para a quadrícula N3, nível 08, camada 03. O abrigo está implantado em média vertente, em área de floresta estacional semidecídua. Neste sítio foram escavados 3 m² em quadrículas espaçadas pela área do abrigo, sendo evidenciados dois fragmentos muito pequenos de cerâmica na camada 01 e um conjunto lítico composto por 284 peças, majoritariamente em quartzo. Atualmente a pintura rupestre é tema do projeto de mestrado de Silvia Santos (pesquisadora do LAEP/UFVJM).

- Cabeças 03 – Localizado no mesmo complexo arqueológico do sítio anterior, também é um abrigo sob rocha com presença de imensos painéis rupestres filiado à tradição Planalto. Foram escavados 5 m² em níveis naturais evidenciando uma estrutura de combustão com quantidade significativa de vestígios faunísticos e um rica indústria lítica em quartzo (ainda em estudo). A única fogueira resultou em uma datação de 940 ± 30 anos A.P. (BETA 400565).

- Cabeças 04 – O sítio Cabeças 4 (ou Lapa da Concha), está implantado em um grande abrigo sobre rocha quartzítica, em uma área de Floresta Estacional Semidecídua, em escarpa de serra. Trata-se de uma região atualmente bem irrigada e que pode ser considerada como um ecótono. Nesse sítio foram escavados 3 m² da área totalmente abrigada e protegida da chuva. Contrariando as expectativas de pacote sedimentar curto (comum regionalmente), a profundidade média da escavação foi de 70 cm, divididos em 19 níveis, cinco camadas ocupações e dois horizontes claros: horticultores (entre a superfície ao nível 10, com evidência de fragmentos cerâmicos, várias tipologias de material lítico em quartzo e uma lâmina de machado polida completa) e outro de caçadores coletores, entre o nível 11/12 ao final da escavação, sendo evidenciada uma rica indústria lítica em quartzo e quartzito (FAGUNDES, 2013). Apesar do repertório cultural lítico ainda estar em estudo, pode-se afirmar que se trata de uma indústria notoriamente baseada na exploração do quartzo hialino, com presença marcante de lascas de façongem, tanto nos níveis mais recentes quanto nos mais antigos. A diferença observada, até então, entre os dois níveis está marcada pelo uso da matéria-prima, uma vez que os quartzitos ocorrem exclusivamente nos pacotes associados às ocupações de caçadores coletores, sendo, inclusive, evidenciado um fragmento mesial de artefato plano convexo com datação de 5270 ± 40 anos AP. A primeira ocupação deste sítio apresentou cronologias entre 6290 ± 30 e 5270 ± 40 ; a camada intermediária com datas entre 4010 ± 40 e 3980 ± 30 ; e a ocupação horticultora

foi obtida uma única data de 480 ± 30 . O conjunto artefactual lítico das ocupações mais antigas é sendo estudado por Lidiane Aparecida da Silva (Mestranda do PPG em Antropologia da UFPEL [2014]) e os conjuntos associados aos horticultores por Thiago H. Neves (estagiário do LAEP/UFVJM).

e) Análises laboratoriais do repertório cultural

A cultura material estudada diz respeito aos conjuntos líticos e a arte rupestre. Para os conjuntos líticos tem-se adotado o conceito etnográfico de cadeia operatória como método de análise com a intenção de se compreender o sistema tecnológico da indústria lítica regional. O que se pode afirmar é que o conjunto artefactual é muito diferente do que foi observado por outros autores para a região de Diamantina (ISNARDIS, 2009; FAGUNDES, 2012; TAMEIRÃO, 2013; PERILLO, 2013; 2015).

A arte rupestre tem sido estudada como vistas à identificação das categorias estilísticas dos sítios, inclusive para comparação com as áreas arqueológicas vizinhas (LEITE, 2012; FERREIRA, 2011; LINKE, 2008; FAGUNDES, 2012a; FERREIRA, 2014; SANTOS, 2015; LEITE e FAGUNDES, 2015). Para tanto, um grande inventário fotográfico foi elaborado, sendo feitas imagens utilizando-se máquinas diferentes e fotos retiradas em horários e períodos diferentes. Em alguns sítios, o recurso de calque em plástico foi utilizado. Em laboratório, calques digitais foram e estão sendo executados.

4. CARACTERÍSTICAS GEOAMBIENTAIS DE SERRA NEGRA

A Área Arqueológica de Serra Negra está localizada a nordeste de Minas Gerais, assentada nos domínios da Província de Mantiqueira, exatamente no limite entre o Cráton do São Francisco e a Faixa Araçuaí, cuja expressão local é a Cordilheira do Espinhaço Meridional, modeladas por rochas da unidade Super Grupo Espinhaço de idade Paleo/mesoproterozóico (KNEGT, 2015).

Figura 02 - (A) Serra dos Irmãos. (B) Serra Pedra Menina. Fonte: LAEP/2013

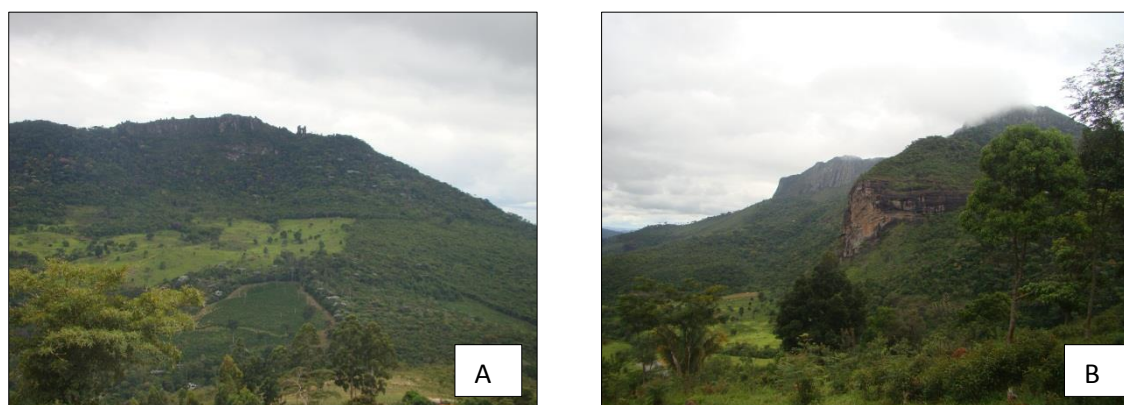


Figura 03 - Visada S-N das Serras Pedra Menina e Dois Irmãos. Fonte: LAEP/2013.



A maior parte da área de pesquisa encontra-se inserida nos domínios do Grupo Guanhões - Formação Serra Negra, predominantemente constituída por Unidades do embasamento (gnaisse), de idade Arqueana. Em todo caso, tanto na porção NE quanto SE da área, são os quartzitos que marcam as elevadas serras alinhadas no sentido NW-SE e que atingem seu ponto culminante no Pico Pedra Menina (1.595m).

Justamente a Serra de Pedra Menina, associada às Serras do Ambrósio e Dois Irmãos estabelecem um “quebra-forte” entre a vertente do rio Jequitinhonha e do rio Doce. Logo, a leste têm-se os formadores da bacia do Doce e a oeste do Jequitinhonha. Arqueologicamente, sobretudo a partir dos preceitos aqui utilizados referentes à Arqueologia da Paisagem, esta é uma característica cara para a compreensão de como as populações pré-coloniais se estabeleceram e utilizaram o ambiente.

Outro ponto relevante diz respeito à apropriação da Geologia regional pelos grupos pré-histórico, sobretudo no que se refere aos conjuntos líticos, ou seja, a produção de ferramentas em pedra. A região de Diamantina foi amplamente estudada por Isnardis (2009), referente à tecnologia lítica. Entre os vários pontos discutidos pelo autor, um deles é a baixa variabilidade da matéria-prima utilizada para a produção dos implementos em pedra, geralmente confeccionados em quartzito local (Formação Galho do Miguel, um quartzito altamente modificado, cristalizado e com propriedades essenciais para a produção das ferramentas) e o quartzo.

Na Área Arqueológica de Serra Negra, por outro lado, observou-se uma maior diversidade no uso de matérias-primas para a produção artefactual. No sítio Itanguá 02, por exemplo, seu conjunto artefactual lítico está constituído por ferramentas e resíduos do processo de produção oriundos da transformação do quartzo leitoso, quartzo hialino (maior quantidade de peças), goshenita, sílex de

diferentes granulometrias e tonalidades, quartzito, arenito silicificado, hematita, inclusive, uma peça em madeira fossilizada foi identificada no repertório cultural lítico deste sítio (FAGUNDES et al, 2012a, PERILLO, 2015).

Os estudos pedológicos foram efetuados por Silva (2012) e Baggio Filho (2012)². O solo predominante nos sítios arqueológicos é o Neossolo Litólico Órtico típico (EMBRAPA, 2006), textura arenosa cascalhenta. Apresenta cor branca, formado por grânulos grandes que lembram “sal grosso”, formados pela decorrência da decomposição da rocha quartzítica local. São solos muito rasos, fato que, na maioria dos abrigos evidenciados, não há pacotes sedimentares favoráveis à escavação. Estes solos, muito arenosos e cascalhentos, são ácidos e muito pobres em nutrientes. Apresentam uma elevada porosidade, drenagem moderada em função da pequena espessura e da presença de rocha impermeável próxima à superfície do terreno, e o baixo teor de argila provoca uma baixa retenção de água superficial e subsuperficial.

O teor elevado de matéria orgânica está diretamente relacionado à elevada CTC destes solos, incomum em perfis muito arenosos. Os significativos teores de matéria orgânica e os altos teores de P disponível, apontam para ocupação humana pretérita recorrente, uma vez que, de uma maneira geral, os Neossolos Litólicos da Serra do Espinhaço Meridional são rasos, ácidos, arenosos, seus teores de matéria orgânica estão abaixo de 3 dag kg⁻¹ e de P disponível são menores que 1 mg kg⁻¹ (SILVA et al, 2005).

Os elevados teores de Ca²⁺ e Mg²⁺ do Neossolo Litólico corroboram a constatação da presença de fogueira, uma vez que estas bases são pouco móveis e são oriundas da queima repetitiva de vegetação lenhosa. Fator a ser destacado é que a área no entorno do sítio nunca foi utilizada para atividades agrícolas (inclusive em função das características regionais), sendo utilizada, raramente, para pecuária extensiva – características culturais comum entre as comunidades atuais do Vale do Jequitinhonha.

No que se refere à cobertura vegetal regional, pode-se afirmar que há um mosaico, representado tanto pelos biomas do Cerrado (a oeste) e de Mata Atlântica (a leste), o caracteriza a área como um ecótono.

Segundo Pacheco (2012), o cerrado e a caatinga são os domínios biográficos brasileiros com maior sazonalidade, isto é, apresenta marcadores bem distintos, com considerável heterogeneidade ecológica e fitoecológica. Tanto em suas fronteiras, quanto em seus limites com a mata atlântica (Floresta Estacional Semidecidual), estes domínios constituem os ecótonos. Os ecótonos são área de transição e, justamente por isso, apresentam uma grande diversidade de variedades que pertencem a distintos biomas e nichos ecológicos.

Estas áreas, por sua vez, apresentam atrativos às ocupações humanas, uma vez que permitem a possibilidade de exploração de recursos diferenciados. Portanto, são zonas de transição, com manchas de diferentes ambientes, tais como florestas e pastagens formando gradientes com espécies de biomas diferenciados, além de ser marcante a presença de outras endêmicas (PACHECO, 2012).

² Detalhes podem ser observados em FAGUNDES et al, 2012a.

Na letra de Pacheco (2012: 356):

A extensão e a quantidade de áreas florestais (especialmente as zonas úmidas) dentro dos ecótonos de cerrado e caatinga variam de região para região. No entanto, mesmo perfazendo uma pequena área, estas florestas úmidas locais são consideradas, por alguns pesquisadores, responsáveis pelo encontro de mamíferos (e.g. roedores) e anuros (e.g. sapos) adaptados à floresta, e outros táxons, como lepdosaurídeos (e.g. lacertílios) adaptados a áreas abertas de cerrado e caatinga, muitas vezes fazendo uso de mata fechada durante os eventos de forrageamento, estação seca e/ou tempo de queima (natural e/ou antropogênico).

Para os eventos humanos de subsistência, um ecótono traz possibilidades ímpares, inclusive permitindo a previsibilidade para caça e coleta, indicando “rede de trânsito” entre os domínios biogeográficos que podem ser mapeadas arqueologicamente, possibilitando a elaboração de modelos de uso e ocupação do espaço demarcado temporalmente. Logo, itens importantes à pesquisa arqueológica podem ser respondidos, ou pelo menos inferidos, tais como estratégias de caça e coleta (subsistência), uso de recursos, processos de estabelecimento (padrões de assentamento), identificação de tipos de sítios arqueológicos e os próprios processos formativos (BINFORD, 1980, 1982).

Mudanças ambientais, via estudos paleoambientais, são também estratégias interessantes ao estudo arqueológico. Por exemplo, segundo Horak et al (2011 apud FAGUNDES et al, 2012a), ao estudar mudanças ambientais Quaternárias em uma turfeira da Serra do Espinhaço Meridional, os autores obtiveram evidências claras que em aproximadamente 2.500 anos AP e após 430 anos A.P., o clima regional passou por mudanças bruscas, ficando muito mais seco do que o atual.

Para FAGUNDES et al (2012), os indicativos desta seca nos períodos supracitados pode indicar o porquê a Área de Serra Negra, marcadamente pela presença do ecótono, teve seu ápice ocupacional entre 2000 e 200 anos A.P (aproximadamente, lembrando que as ocupações mais antigas até o momento foram obtidas apenas no sítio Cabeças 04). Entretanto, só com novas escavações e o estabelecimento de cronologias absolutas, principalmente na vertente do rio Doce, poderá informar de maneira mais assertiva as hipóteses levantadas. Em todo caso, a possibilidade de exploração de domínios biogeográficos distintos certamente é um diferencial importante a ser explorado nas pesquisas arqueológicas da área em pauta.

Em termos hidrográficos, a área está inserida em duas bacias federais: Jequitinhonha e Doce. Entretanto, o curso d’água mais importante é o rio Araçuaí, sendo nas bacias de seus afluentes os locais onde os sítios estão implantados prioritariamente, sobretudo nas nascentes destes tributários. Destes últimos, o mais importante é o ribeirão Itanguá que margeia o Complexo Arqueológico Campo das Flores, local que até então foram identificados 21 sítios arqueológicos, na maioria de arte rupestre filiada à Tradição Planalto, mas havendo grafismos associados também à Tradição Nordeste.

5. A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SERRA NEGRA – IMPLANTAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A Área Arqueológica de Serra Negra está constituída por quatro Complexos Arqueológicos (Serra do Ambrósio, Três Fronteiras, Campo das Flores e Felício dos Santos). Por Complexo Arqueológico se entende uma assembleia de sítios implantados em um determinado domínio biogeográfico e, portanto, apresenta características geoambientais semelhantes, somada ao repertório cultural, sistema de implantação de assentamento (sejam aldeias a céu aberto ou abrigos, sítios de ocupação semipermanente ou temporária), sobretudo vinculado ao conceito de lugares persistentes (SCHLANGER, 1992).

A soma de vários Complexos forma uma Área Arqueológica que, além de compartilhar características semelhantes, possui indicadores de uma rede de trânsito entre o grupo (ou mesmo grupo) que divide um determinado território. Cabe destacar que, de forma alguma, utilizam-se os conceitos de etnicidade ou identidade na definição de Complexo ou Área. Com isso não se refuta esta possibilidade que, quiçá, poderão ser inseridas do decorrer da pesquisa, com o aumento na quantidade de dados e suas futuras interpretações.

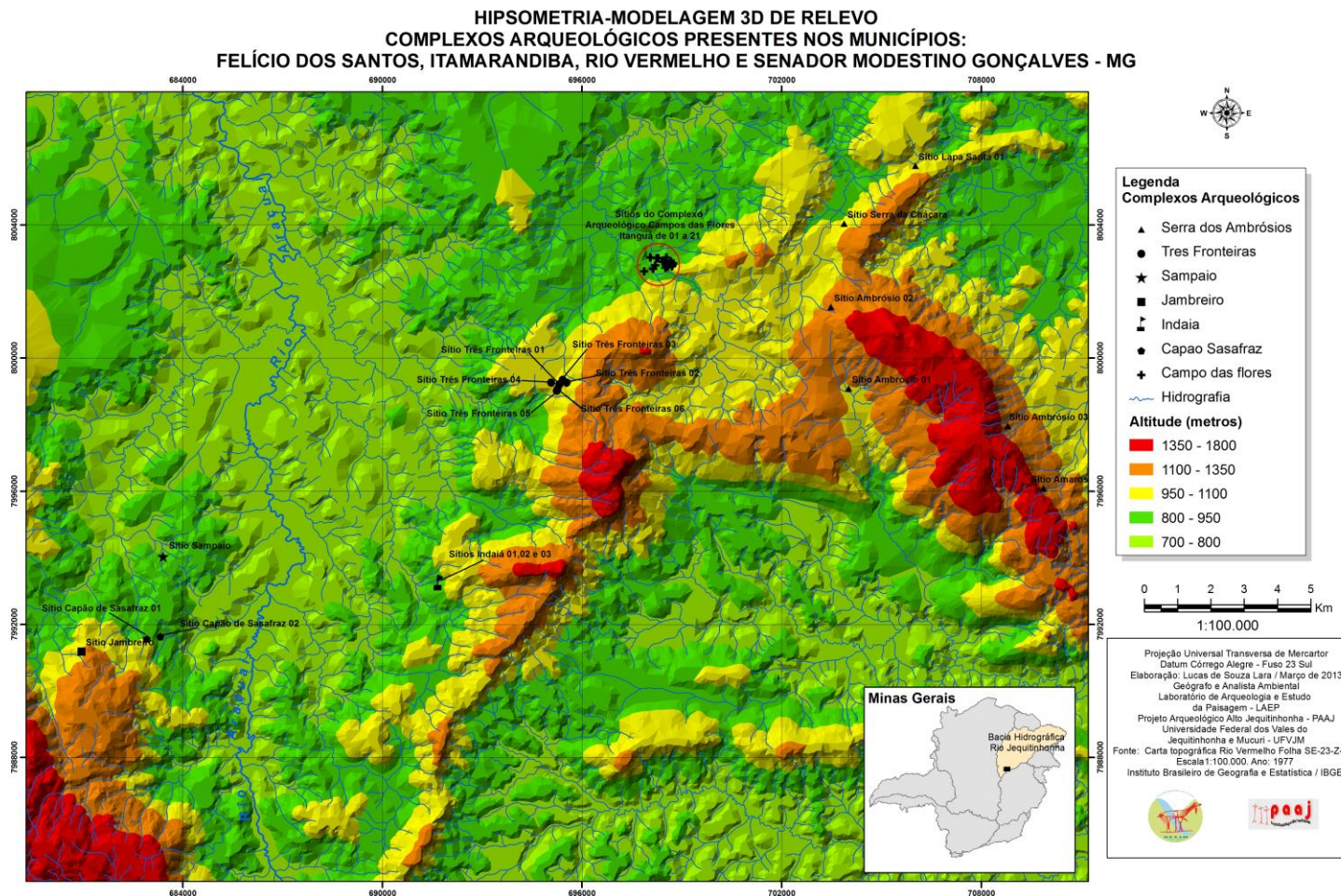
Dos sítios componentes dos Complexos, a grande maioria está constituída por abrigos sob rocha (quartzítica), com presença de painéis com mais variados grafismos rupestres, como será discutido a frente. Os sítios a céu aberto, que devem existir, ainda não foram evidenciados. Entretanto, parte-se do princípio que o ápice de ocupações regionais deve estar relacionado aos grupos de caçadores-coletores nômades, porém, por enquanto trabalhamos no nível de hipótese. Os vestígios cerâmicos foram evidenciados apenas nos sítios Cabeças, sendo todos fragmento alisados, de tonalidade escura, paredes finas (apresentando espessura em 6 e 15 mm. O maior fragmento mede 29 mm e o menor 8 mm) e produzidos pela técnica de acordelamento. Dois fragmentos compõem o conjunto artefactual do Cabeças 02 e quatorze do sítio Cabeças 4, neste último dispostos entre os níveis 4 e 8 da escavação.

O repertório cultural, por sua vez, está basicamente composto por ferramentas líticas lascadas, principalmente o que se denominou na literatura de raspadores e pontas projéteis (e resíduos que evidenciam a fabricação destes implementos). Lâminas de machado polidas foram evidenciadas por moradores locais em lugares dispersos e com contexto não definido, um fato importante para as pesquisas futuras. Apenas uma lâmina completa foi evidenciada em contexto arqueológico, níveis 11/12 da escavação do Cabeças 4, com datação de 480 ± 30 anos A.P.

Quantitativamente, os sítios estão distribuídos da seguinte forma:

- Complexo Campo das Flores (Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba, bacia do Jequitinhonha) - 24 sítios arqueológicos, sendo 19 com presença de grafismos rupestres, associados ou não aos conjuntos líticos, majoritariamente associados à Tradição Planalto, mas com presença de grafismos da Tradição Nordeste.
- Complexo Arqueológico Serra do Ambrósio (Itamarandiba, entre as bacias do Jequitinhonha e Doce) – 06 sítios arqueológicos, todos com presença

Figura 04 - Sítios Arqueológicos em Serra Negra, Alto Araçuaí. Fonte: IBGE, 1977. Adaptação: LAEP/UFVJM, 2012.



de grafismos, com painéis distribuídos entre as Tradições Agreste, Nordeste e Planalto.

- Completo Três Fronteiras (Felício dos Santos) – composto por 14 sítios arqueológicos, todos abrigos sob rocha em área de campo rupestre, com presença de arte rupestre filiada à Tradição Planalto, contudo com particularidades regionais.

- Complexo Arqueológico Felício dos Santos (Felício dos Santos, bacia do Jequitinhonha) – presença de 12 sítios arqueológicos, todos com presença de grafismos rupestres, sendo a maioria associada à Tradição Planalto.

Tabela 1 – Características gerais dos complexos arqueológicos em Serra Negra

COMPLEXO	LOCALIZAÇÃO E POSIÇÃO NA VERTENTE	HIDROGRAFIA	ALTITUDE MÉDIA (m)	COBERTURA VEGETAL	TIPO DE IMPLANTAÇÃO
Campo das Flores	Borda norte da Serra Dois irmãos, média vertente.	Banhado a sul e leste pelo ribeirão Itanguá, presença de várias nascentes.	800m	Campo rupestre	Abrigos sob rocha
Ambrósio	Sítios no topo de serra, na área de contra-forte	Nascentes das bacias do Doce e Jequitinhonha	1200m	Floresta Estacional Semidecidual	Abrigos sob rocha
Felício dos Santos	Borda da Serra: sítios em média vertente, próxima às serras. Exceção: sítio Sassafras em alta vertente.	Tributários do Araçuaí, bacia do Jequitinhonha	Entre 900 e 1000m	Cerrado e Floresta Estacional Semidecidual	Abrigos sob rocha
Três Fronteiras	Borda das serras da Bocaina e Dois Irmão, em média vertente.	Tributários do Araçuaí, bacia do Jequitinhonha.	Entre 800 e 1000m	Campo rupestre	Abrigos sob rocha

Tabela 2 – Características dos sítios no Complexo Arqueológico Campo das Flores

Total de sítios	24
Implantação geral	Todos são abrigos sob rocha quartzítica, distribuídos em sítios em área abrigada e outros em paredes sem área abrigada.
Ocupação	<p>Pela estratigrafia do sítio Itanguá 02 pode-se inferir duas ocupações distintas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A primeira marcada pela presença de um Antropossolo. Trata-se de uma camada escura, arenosa e pouco compactada (variando entre 02 a 10 cm de espessura), com baixa frequência artefactual. Acredita-se que houve ocupação em período mais recente nessa camada (onde, inclusive, foi evidenciado um pequeno artefato em madeira fossilizada, identificado como um pincel de pintura corporal). Amostra do carvão da única estrutura de combustão evidenciada nesta camada foi enviada para datação e apresentou 680 ± 110 anos A.P (CENA/USP). • Camada cultural mais antiga, mas, sem presença de material orgânico/ antrópico decomposto. Com tonalidade mais clara (cinza), resultante do acúmulo de sedimento decorrente do intemperismo do quartzito, sendo aquela

	que mais apresentou densidade de material arqueológico (produtos de lascamento) e, portanto, com grande frequência artefactual.
Cronologia	Apenas para a ocupação mais recente que segue entre 270± 20 anos A.P (datação da Camada 01, profundidade 5cm, feita por AMS/ BETA 310324) e 680± 110 anos AP, profundidade de 10cm, feita por ¹⁴ C no laboratório do CENA/USP- CEN 1172). Calibrada esta ocupação data entre 240 e 798 anos A.P.
Arte rupestre – principais atributos	Presença marcante de painéis filiados à Tradição Planalto, sendo que apenas o Itanguá 06 apresentou sobreposições clássicas da tradição e, mesmo assim, o primeiro momento de ocupação foi associado por Leite (2012) à Tradição Agreste. Nos demais sítios as sobreposições estão ausentes sendo marcante a presença de grafismos isolados, tanto da Planalto quanto da Nordeste. As figurações são monocromáticas, com o vermelho (e variações) a tinta dominante, alguns sítios foram utilizados pigmentos amarelo e preto. As principais representações são de cervídeos, mas há um número significativo de outros tetrápodes e antropomorfos. Os geométricos ocorrem em alguns sítios, também de forma muito isolada.
Indústria lítica	As principais características são: diversidade do uso de matéria-prima, destacando o quarto leitoso, quartzo hialino, goshenita, sílex, quartzito e arenito silicificado; Versatilidade do conjunto artefactual, com presença de pontas de projétil, raspadores de diferentes morfologias e lascas finamente retocadas. Uso das técnicas unipolar e bipolar, com utilização de percutor duro para debitage. Para façongagem e retoque, infere-se o uso de percutor macio, dados os estigmas de algumas lascas associadas a estas fases do lascamento. O sítio foi definido com uma indústria lítica – local de produção de ferramentas.
Cobertura vegetal	Campo rupestre com presença de espécies típicas: Paepalanthus sp., Melocactus zehntneri, Bromélia laciniosa, Melastomataceae, Actinocephalus bongardii., Anacardium humile St. Hil., Ananas comosus, Caryocar brasiliense, Hancornia speciosa Gomes, Pilosocereus aurisetus, entre outros.
Fauna	Ornitofauna – Seriema (<i>Cariamacristata</i>), carcará, acuã, gavião carijó (Falconidae), juriti (Columbidae), nhambú, perdiz (Tinamidae), coruja buraqueira (<i>Athenecunicularia</i>), penacho (Acipitridae). Mastofauna – Tamanduá mirim (<i>Tamanduatetradactyla</i>), Tamanduá bandeira (<i>Myrmecophagatridactyla</i>), tatus (<i>Dasipussp.</i> , <i>Euphractus sp.</i>), lobo guará (<i>Chrysocyonbrachyurus</i>), cachorro do mato (Canidae), suçuarana (<i>Puma concolor</i>), jaguatirica (<i>Leoparduspardalis</i>), veado catingueiro (<i>Mazamagouazoupira</i>), cutia (<i>Dasyproctaaguti</i>), paca (<i>Cuniculus paca</i>), mocós e preás (<i>Cavidae</i>), rato do mato (Echymidae), capivara (<i>Hydrochoerushydrochaeris</i>), coati (Procyonidae), lontra (Mustelidae), taiassuídeos (Tayassuidae), bugio (<i>Alouatta sp.</i>), sagüi (Callitrichidae), quirópteros. Lepdosauria – lacertílios: calango (<i>Ameivaameiva</i>), teiu (<i>Tupinambissp.</i>), cascavel (<i>Crotalussp.</i>), surucucu (<i>Lachesissp.</i>), jararaca(<i>Bothropssp.</i>), coral (Elapidae), jibóia (<i>Boa constrictor</i>).
Classificação dos sítios arqueológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Áreas abrigadas com pequeno pacote sedimentar, de fácil acesso, em áreas planas (sítios 02, 03, 04, 06, 10, 15) • Áreas abrigadas, mas de acesso moderado sem pacote sedimentar (sítios 07, 14, 09, 11, 12, 13, 05, 08, 21). • Paredões altos, sem área abrigada, mas de fácil acesso e de grande visibilidade (sítio 01). • Sítios em área de difícil acesso, com topografia inclinada, com ou sem pacote sedimentar (sítios 17, 18, 19 e 20).

Tabela 3 – Características dos sítios no Complexo Arqueológico Felício dos Santos

Total de sítios	12
Implantação geral	Todos os sítios são abrigos sob rocha distribuídas de forma irregular na paisagem. Há sítios com altitudes superiores a 1000m (sítio Sassafrás e Jambreiro), ambos notoriamente sítios de passagem e outros em altitudes inferiores. Do conjunto de sítios apenas os 07 sítios de Três Fronteiras se assemelham os sítios do Complexo

	Campo das Flores.
Ocupação	Foram identificados três períodos de ocupação distintos: (a) No Holoceno Médio entre 6290 ± 30 anos A.P. e 3980 ± 30 anos A.P., de ocupação de grupos de caçadores coletores marcado por uma indústria lítica com presença do quartzo hialino e quartzitos, este último para produção de plano-convexos (b) ocupação caçadora coletora mais recente com datações em torno de 2000 anos A.P., marcada pela exploração de quartzo hialino. (c) Ocupação horticultura entre 1000 e 230 anos A.P.
Cronologia	Entre 6290 ± 30 e 230 ± 30
Arte rupestre – principais atributos	Nos sítios de passagem há sobreposições claras entre grafismos que podem estar associados à Tradição Nordeste e àqueles típicos da Tradição Planalto. Neste último caso, diferente de Campo das Flores, há associação clássica entre cervídeos e peixes (sítio Sampaio, por exemplo). No entanto, seguindo para oeste, em direção a Campo das Flores e Serra do Ambrósio, observa-se uma maior diversidade de estilos (região de Três Fronteiras, por exemplo).
Indústria lítica	Lascada, sobretudo com exploração do quartzo hialino, mas nos níveis mais antigos há exploração do quartzito silicificado, sobretudo para produção de plano-convexos. Polida
Cobertura vegetal	Os sítios estão distribuídos em domínios diferenciados: Campo Rupestre, Cerrado <i>scrito sensu</i> e Florestas Estacional Semidecidual.
Fauna	Por especulação, acredita-se que seja muito parecida com o observado em Campo das Flores.
Classificação dos sítios arqueológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Sítios de passagem, localizados acima de 1000m de altitude, com presença de painéis com maior diversidade estilística nos painéis evidenciados. • Sítios em campo rupestre, com características de implantação semelhantes a Campo das Flores. • Sítios em Floresta Estacional Semidecidual – associados à Tradição Planalto.

Tabela 4 – Características dos sítios no Complexo Arqueológico Serra do Ambrósio

Total de sítios	14
Implantação geral	Todos são abrigos sob rocha quartzítica, distribuídos em sítios em área abrigada e outros em paredões sem área abrigada.
Ocupação	Sem dados
Cronologia	Não há
Arte rupestre – principais atributos	Basicamente os painéis apresentam figurações que podem ser associadas com a Tradição Planalto, contudo com particularidades regionais. Há painéis densamente pintados (Três Fronteiras 08) e aqueles com pouquíssimas figuras, geralmente antropomorfos isolados (Três Fronteiras 03).
Indústria lítica	Não foi evidenciado material
Cobertura vegetal	Os sítios estão implantados em campo rupestre.
Fauna	Por especulação, acredita-se que seja muito parecida com o observado em Campo das Flores.
Classificação dos sítios arqueológicos	Sítio em média vertente em campo rupestre

Tabela 5 – Características dos sítios no Complexo Arqueológico Serra do Ambrósio

Total de sítios	06
------------------------	----

Implantação geral	Há diferenças significativas na implantação dos sítios. Há os denominados de passagem (Ambrósio 01, 03 e 03; Serra da Chácara), os implantados em bloco em Floresta Estacional Semidecidual (Amaros 01) e em campo rupestre (Lapa Santa).
Ocupação	Sem dados
Cronologia	Não há
Arte rupestre – principais atributos	Há uma grande diversidade em relação aos sítios deste Complexo. O sítio Amaros 01, por exemplo, apresenta painéis associados a tradição Planalto, havendo associações entre cervídeos e peixes, além de outros mamíferos, mas há um painel com presença de quatro grandes antropomorfos associados à Agreste.
Indústria lítica	Não foi evidenciado material
Cobertura vegetal	Os sítios estão implantados em diferentes tipos de cobertura vegetal, como ocorre em Felício dos Santos.
Fauna	Por especulação, acredita-se que seja muito parecida com o observado em Campo das Flores.
Classificação dos sítios arqueológicos	<ul style="list-style-type: none"> • Sítios de Passagem em altitude acima de 1000m • Sítio em média vertente em campo rupestre • Sítio em bloco em bioma de Mata Atlântica

Alguns dos sítios nos três complexos apresentam características especiais de implantação, localizados exatamente na quebra de topografia do contra-forte formado pelas serras Pedra Menina, Ambrósio, Bocaina e Dois Irmãos. Para estes sítios deu-se a denominação de *sítios de passagem* (ou de trânsito). Notoriamente são sítios de ocupações temporárias, em áreas com baixa probabilidade de assentamentos semi-temporários. Ocorrem em altitude superiores a 1000m, apresentando como repertório cultural (até então identificado), grafismos rupestres de diferentes estilos (Figura 04).

Sob a perspectiva aqui trabalhada, não apenas os sítios, mas os lugares onde estão implantados são de interesse arqueológico em escala diacrônica e cultural, portanto, lugares persistentes, onde os caminhos apresentam atrativos fisiográficos que permitem a exploração de dos domínios biográficos distintos, com possibilidades diferenciadas sazonalidade de recursos.

Pode-se defini-los como locais, em alta altitude, que serviram como acampamentos temporários durante o trânsito entre a face leste e oeste do contra-forte. Fator importante que esses “caminhos” são até hoje utilizados pelas comunidades locais, sobretudo os catadores de sempre-vivas e caçadores. Neste sentido, não é por acaso que a Serra do Ambrósio seja o local com maior incidência de sítios implantados neste sistema.

Os demais sítios também apresentam características ímpares de implantação. Mesmo todos sendo abrigos temporários sob rocha, há uma lógica que permite a identificação no ambiente regional. Em Campo das Flores e em de Três Fronteiras, por exemplo, foram implantados em áreas de campo rupestre marcadas pela presença de Neossolo Litólico Órtico típico (EMBRAPA, 2006), em áreas de fácil acesso, próximas a curso d’água e que, de certa forma, privilegiam o forrageamento (FAGUNDES et al, 2012a).

São áreas com grande diversidade tanto para coleta como para caça (levantamento realizado por PACHECO, 2012) que pode indicar a atração das

populações humanas para a área, hipótese validada em função da densidade de sítios arqueológicos nestes locais.

6. A ARTE RUPESTRE REGIONAL – ANÁLISES PRELIMINARES

Sem sombras de dúvidas, a grande maioria dos painéis rupestres evidenciados nos 56 sítios da Área Arqueológica de Serra Negra está filiada a Tradição Planalto de Arte Rupestre. Esta tradição, caracterizada por André Prous, no Planalto Cárstico de Lagoa Santa, no centro mineiro (PROUS, 1992), está caracterizada pela presença de grafismos monocromáticos, geralmente em vermelho, mas o amarelo, preto e branco são tintas presentes; com a associação clássica entre cervídeos e peixes.

Em Serra Negra, pode-se inferir a existência de um mosaico estilístico. Os painéis rupestres apresentam uma imensa diversidade. Em todos os sítios estudados, a tradição Planalto está presente, entretanto com variedade de estilos bem grande (FAGUNDES, 2013). Marcadores clássicos, como a associação de cervídeos e peixes, nem sempre são presentes, sendo que nos sítios do Complexo Felício dos Santos esta característica é mais presente. Indo para nordeste, já no Complexo do Ambrósio, dependendo da localização do sítio, a tradição Planalto aparece mais estilizada (por exemplo, zoomorfos com formas mais geometrizadas), sobretudo com presença de representação de cervídeos bem diferentes do que é observado nas regiões vizinhas. A tradição Agreste e Nordeste, mesmo que discretamente, ocorre na maioria dos sítios, como é o caso do Amaros 01, Itanguá 06, Itanguá 02 e Serra da Chácara (FERREIRA e FAGUNDES, 2015). Em Felício dos Santos ocorrem antropomorfos isolados em alguns painéis, com características estilísticas muito próximas ao que é observado na Tradição Nordeste.

De qualquer forma, um quadro geral pode ser estabelecido:

- Todas as figurações são monocromáticas, sendo o vermelho (e variações) a tinta mais presente. O amarelo e o preto aparecem de maneira muito discreta, sendo o último verificado apenas em uma pintura geométrica do sítio Itanguá 01. O amarelo ocorre em figurações isoladas, geralmente associadas às figurações de cabeças de cervídeos chapados (sítios Itanguá 06 e Amaros 01). No sítio Itanguá 02 ocorre um antropomorfo em amarelo associado à Tradição Nordeste.
- Todas as figurações são pintadas, salvo exceção de uma figura em *crayon* no sítio Itanguá 01.
- Há uma variedade de representações das figurações, com preenchimento chapado ou geométrico, com predominância numérica do último.
- A grande maioria das representações é de zoomorfos, estes majoritariamente mamíferos tetrápodes. Representações de testudines ou lepdossauros são muito raras, a exemplo de uma pequena tartaruga no sítio Três Fronteiras 03.
- Os antropomorfos, apesar de menor número quando comparados aos zoomorfos, apresentam grande variabilidade estilística, havendo

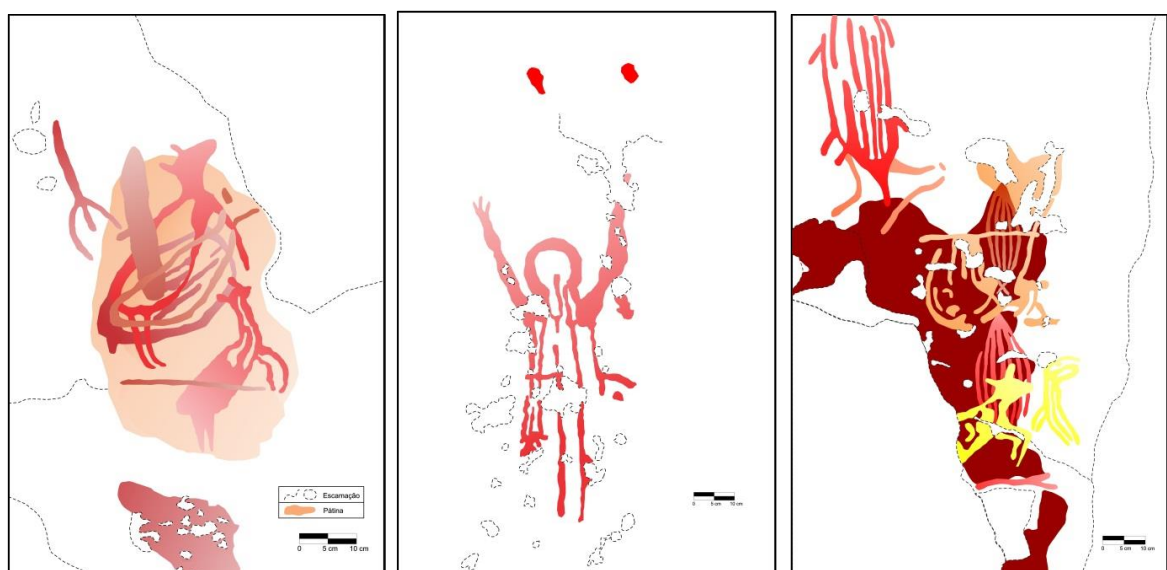
representações claras tanto da Agreste quanto da Nordeste. Os sítios mais ao norte, em direção ao vale do Doce, são os que aparecem maior diversidade no que se refere aos antropomorfos.

- As sobreposições, diferente do que ocorre na região de Diamantina, são raras. A grande maioria das figurações está isolada no painel e mesmo as cenas são raras. Exceção diz respeito ao painel do sítio Itanguá 06, que apresenta três ocupações claras, sendo a primeira associada à Tradição Nordeste (LEITE, 2012; LEITE e FAGUNDES, 2014). Outras sobreposições ocorrem em menor escala no sítio Amaros 01, mas bem diferente do que ocorre nos sítios da região de Diamantina (LINKE, 2008).

Figura 05 – Painel rupestre do sítio Sampaio, Felício dos Santos. Fonte: LAEP/2013.



Figura 06 – Painéis rupestres do sítio Amaros 01, Complexo do Ambrósio. Fonte: Ferreira, 2013.



7. CONJUNTO LÍTICO DO SÍTIO ITANGUÁ 02

O conjunto lítico do sítio Itanguá 02 está constituído por 8200 vestígios provenientes das diferentes fases de lascamento, isto equivale a dizer que apresenta uma grande variedade de peças: artefatos completos, suportes não utilizados, estilhas, núcleos, percutores, etc.

Destaque para este conjunto artefactual diz respeito à diversidade de matéria-prima, incomum para os sítios até então evidenciados na Serra do Espinhaço Meridional. Apesar de o quartzo hialino perfazer a grande maioria do conjunto (cerca de 80%), pode-se destacar a presença de quartzo leitoso, quartzo fumê, quartzito, arenito silicificado, sílex, granito, hematita e madeira fossilizada (PERILLO, 2015).

Com exceção do artefato em madeira fossilizado (polido provavelmente utilizado como pincel para pintura corporal), todos os demais vestígios são provenientes de diferentes fases do lascamento: debitage, façonagem e retoques.

Destaque deve ser dado à versatilidade artefactual deste conjunto (FAGUNDES et al, 2012b). Entre os artefatos evidenciados na escavação pode-se citar a presença de raspadores e lascas retocadas de diferentes morfologias, um fragmento de raspador plano-convexo em quartzo, ponta projétil, vestígios com marcas claras de uso, além de resíduos provenientes do processo de debitage/ façonagem de suportes que indicam a presença de artefatos bifaciais.

A debitage para obtenção de suportes à confecção de artefatos foi realizada por meio da técnica unipolar com uso de percutor duro, fato comprovado pelos estigmas de lascamento das peças até então analisadas³: lascas com talão liso-plano ou cortical, ponto de impacto e bulbo saliente, alguns vestígios com esquila bulbar (RODET e ALONSO, 2004); além da presença de vários percutores. Nenhum indicativo de tecnologia bipolar foi evidenciado, mesmo com a grande quantidade de material em quartzo. Hipótese provável diz respeito à fonte de matéria-prima para obtenção deste mineral: veios de quartzo associados ao quartzito local.

Os núcleos evidenciados (todos em quartzo leitoso ou hialino) corroboram com a hipótese de exploração maciça de veios de quartzo, entretanto há alguns indicativos de exploração de seixos, sobretudo nas demais matérias-primas. Sobre o sílex marrom, raro na região em estudo, fora evidenciado um núcleo na Camada 02 da escavação onde esta matéria-prima estava associada a um bloco de quartzo. Tal fato está sendo investigado e prospecções destinadas à localização de jazidas líticas estão sendo providenciadas. Fato é que o quartzo, em sua variedade, é facilmente encontrado localmente.

No processo de façonagem, duas realidades puderam ser observadas: uso de percussão direta com uso de ferramenta dura e/ou macia. A última técnica é observada nos materiais em quartzo hialino e goshenita, tanto em artefatos acabados, quando nos resíduos de lascamento, fato comprovado pela grande quantidade de lascas e lamelas com lábios.

³ O conjunto artefactual encontra-se na fase final de estudo por Atilo Perillo Filho (2015).

Como dito, apenas artefatos unifaciais foram identificados no conjunto lítico, entretanto há vários indicativos da provável presença de instrumentos bifaciais. Levando-se em conta a hipótese de se tratar de uma oficina de lascamento (MORAIS, 1983), o mais provável é que artefatos bifaciais acabados tenham sido transportados para outros locais. Sobre a questão de o sítio ter sido uma oficina de lascamento, vários itens corroboram com esta proposição: a) presença de todos os estigmas de lascamento e ferramentas de percussão no sítio; b) disposição de blocos na frente do abrigo (claramente intencional), sendo que materiais pesados como núcleos, suportes e percutores estavam associados a estes blocos; c) densidade de material lítico por quadrícula x ocupação.

Os demais conjuntos artefatuais de sítios escavados (Cabeças 2, 3 e 4) estão em estudo e os resultados serão publicados em futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial da Área Arqueológica de Serra Negra é inegável, com presença de uma diversidade de sítios arqueológicos que contribuirão sensivelmente para compreensão da Arqueologia da Face Meridional da Serra do Espinhaço. Até o momento 56 sítios foram identificados e divididos em quatro complexos conforme suas características de implantação, levando em conta aspectos arqueológicos e geoambientais. O sítio Itanguá 02 apresentou características ímpares e de fundamental importância. Sua análise estratigráfica, aliada à sedimentar, demonstrou que o sítio fora ocupado repetidamente, tal fato é comprovado por meio das datações obtidas por ¹⁴C e AMS, que para a camada 01 apresentou resultado entre 240 e 798 anos A.P., somada às análises do sedimento no interior do abrigo que indicaram uma intensa ocupação humana. A análise dos conjuntos líticos demonstrou a variabilidade e diversidade da cultura material como as principais características deste sítio lítico, aqui classificado como uma oficina.

Outra significativa contribuição foi a cronologia do sítio Cabeças 04, um abrigo com sequência cronológica de ocupação durante o Holoceno Médio. Apesar de seu conjunto artefactual estar em estudo, pode-se indicar a presença de uma indústria de exploração do quartzo hialino (provavelmente para a produção de bifaciais) e do quartzito, esta matéria-prima associada à produção de plano-convexos (um mesial de plano-convexo sobre plaqueta foi evidenciado no pacote sedimentar datado de 5270 ± 40 (BETA 370289). Os demais assentamentos a indústria lítica, mais recente, tem como característica marcante o uso do quartzo hialino. Para o Cabeças 03 uma quantidade significativa de vestígios faunísticos foi evidenciada e encontra-se em estudo.

A arte rupestre regional também é marcada pela diversidade estilística. A grande maioria dos painéis apresenta figuras filiadas à Tradição Planalto (PROUS, 1992), entretanto com características diferentes do que fora observado para a região de Diamantina, por exemplo (LINKE, 2008). Além disso, a inserção de figuras filiadas às Tradições Nordeste e Agreste é uma constante.

Por meio de novas escavações, a equipe pretende realizar pesquisas focadas na em análises tecnológicas do possível repertório cultural e reconstrução paleoambiental regional, de forma que se possa realizar inferências acerca de

questões fundamentais, tais como: mobilidade, tipos de sítio, ampliação do quadro cronológico regional, dieta e subsistência, processos formativos, entre outras caras aos estudos arqueológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGGIO FILHO, H.. 2012. Caracterização pedológica do sítio Itanguá 01 – abordagem da geoquímica ambiental. IN: FAGUNDES, Marcelo. *Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Relatório 2010-2012*. Diamantina-MG: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG.
- BINFORD, L. R. 1980. Willow Smoke and Dogs' Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation. *American Antiquity*, 45 (01), pp. 4-20.
- BINFORD, L. R. 1990. Mobility, Housing, and Environment: A Comparative Study. *Journal of Anthropological Research*, 46 (02), pp. 119-152.
- COSGROVE, D. 1998. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.92-123.
- DESCOLA, P. 1999. Constructing natures: symbolic ecology and social practice. In: *Nature and Society: anthropological perspectives*. London: Routledge, pp.82-102.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. 2006. Centro Nacional de Pesquisa de Solos. *Sistema Brasileiro de Classificação de Solos Brasília*: Embrapa Produção de Informação - Rio de Janeiro: Embrapa Solos.
- FAGUNDES, M. 2007. *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. Tese de doutoramento, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- FAGUNDES, M. 2009. O conceito de paisagem em arqueologia – os lugares persistentes. *Holos Environment*, 09 (02), pp. 135-149, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/holos/article/view/1310>
- FAGUNDES, M. 2010. Entendendo a Dinâmica Cultural em Xingó na Perspectiva Inter Sítios: Indústrias Líticas e os Lugares Persistentes no Baixo Vale do Rio São Francisco, Nordeste do Brasil. *Arqueologia Iberoamericana*, v. 6, pp. 3–23. Disponível em: <http://www.laiesken.net/arqueologia/>
- FAGUNDES, M. 2011. As Relações e Conexões entre Arqueologia e Paisagem: do contexto arqueológico ao contexto sistêmico sob a ótica dos lugares persistentes. Rio de Janeiro: *Anais II Simpósio Arqueologia na Paisagem*, Conferência Magistral. Disponível em: http://www.eba.ufrj.br/historiadopaisagismo/images/arquivos/arqueologia_na_paisagem_2011.pdf
- FAGUNDES, M. 2012. *Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Relatório 2010-2012*. Diamantina-MG: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG.
- FAGUNDES, M. 2013. O Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha (PAAJ) e a Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Araçuaí, Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, 2 (2): 68-95 Disponível em: <http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco/article/view/252/220>
- FAGUNDES, M. 2014. Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. *Tarairiú*, Campina Grande-PB, 01 (07), pp. 32-54. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n7/art3.pdf
- FAGUNDES, M. & PIUZANA, D. 2010. Estudo Teórico Sobre o Uso Conceito de Paisagem Em Pesquisas Arqueológicas – do Contexto Arqueológico ao Contexto Sistêmico sob a Ótica dos Lugares Persistentes. *CINDE*, v.08, n.01, pp-203-218. Disponível em: http://www.scielo.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2010000100010&lng=pt&nrm=iso

- FAGUNDES, M. et al. 2012a. Implicações Geológicas e Ecológicas para Assentamentos Humanos Pretéritos – Estudo de Caso no Complexo Arqueológico Campo das Flores, Área Arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí, Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, 1(1), pp. 41-58. Disponível em: <http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco/article/view/169>
- FAGUNDES, M.; LARA, L. L.; LEITE, V. A. 2012 b. Paisagem cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí-MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba. *Tarairiú – Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB*, 01 (05), pp. 41-66. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n5/art2.pdf
- FERREIRA, E. 2011. *Conjuntos estilísticos da Serra dos Índios: Estudo da arte Rupestre do Alto Jequitinhonha, Planalto de Minas, MG*. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades.
- FERREIRA, M.; FAGUNDES, M. 2014. A Arte rupestre de Serra Negra: Concepções Estéticas dos Conjuntos Gráficos do Sítio Amaros 01, Itamarandiba/MG. *Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, v. 4, nº 1.
- FLORESTA, D. 2013. *Caracterização estrutural de materiais ferruginosos de pigmentos de arte rupestre e de cerâmicas de sítios pré-históricos de Minas Gerais, como base para correlações arqueométricas*. Relatório de Qualificação de Doutorado. Belo Horizonte. Centro do Desenvolvimento em Tecnologia Nuclear (CDTN), Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia das Radiações, Minerais e Materiais.
- FLORESTA, D.; FAGUNDES, M.; FABRIS, J. D.; ARDISSON, J. D. 2015. Iron-containing pigment from an archaeological rupestrian painting of the Planalto Tradition in Minas Gerais, Brazil. *Hyperfine Interact*, 232, pp. 29-40. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10751-015-1182-4>
- ISNARDIS, A. 2009. *Entre as pedras: as Ocupações Pré-históricas recentes e os Grafismos Rupestres da Região de Diamantina, Minas Gerais*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- KNAPP, A. B. 1999. Ideational and industrial landscape on prehistoric Cyprus. IN: ASHMORE, W. & KNAPP, A. B. *Archaeological of Landscape – contemporary perspectives*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 229-252.
- KNEGT, M. P. de. 2015. *Indicadores da paisagem para a ocorrência de sítios arqueológicos na Área Arqueológica de Serra Negra, Face Leste do Espinhaço*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.
- LEITE, V. A. 2012. *Estudo Diacrônico-Estilístico da Arte Rupestre do Sítio Itanguá 06, Complexo Arqueológico Campo das Flores, Vale Do Araçuaí, Minas Gerais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades.
- LEITE, V. A.; FAGUNDES, Marcelo. *Estudo diacrônico-estilístico do painel rupestre do Sítio Arqueológico Itanguá 06, vale do Rio Araçuaí, Minas Gerais, Brasil: uma análise estratigráfica*. Tarairiú, Campina Grande-PB,01 (07), pp. 113-128. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n7/art9.pdf
- LINKE, V.. 2008. *Paisagem dos sítios de arte rupestre da região de Diamantina*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.
- MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. IN: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, pp. 237-331.
- PACHECO, M. L. F. 2012. Caracterização geoambiental do Complexo Arqueológico Campo das Flores. IN: FAGUNDES, Marcelo. *Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Relatório 2010-2012*. Diamantina-MG: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG.
- PACHECO, M. L. et al. 2011. Ecologia e Evolução Aplicadas ao Estudo do Registro Arqueológico. *Revista de Arqueologia Americana*, 29, pp. 27-52.
- PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UNB.

- PERILLO FILHO, A. 2013. Estudo dos Conjuntos Líticos Pré-Históricos do sítio Itanguá 02, Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades.
- PERILLO FILHO, A. 2015. *Análise lítica e dispersão espacial dos materiais arqueológicos do sítio Itanguá 02, Vale do Jequitinhonha*, MG. Pelotas-RS. Qualificação de Mestrado, PPG em Antropologia.
- RACZKOWSKI, W. 2001. Post-processual landscape: the lost world of aerial archaeology? IN: DARVILL, T. & GOJDA, M. *One Land, Many Landscapes. Papers from a session held at the European Association of Archaeologists, Fifth Annual Meeting in Bournemouth*. Bar International Series, pp.03-07.
- SANTOS, I. A. C. 2013. Estudo dos conjuntos líticos do sítio Itanguá 02, Campo das Flores, MG. *Relatório de Iniciação Científica*. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades.
- SCHLANGER, S. 1992. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. IN: ROSSIGNOL & WANDSNIDER. *Space, time, and archaeological landscapes*. New York and London, Plenum Press, pp. 91-112.
- SILVA, A. C. 2012. Caracterização Pedológica do sítio Itanguá 02. IN: FAGUNDES, Marcelo. *Projeto Arqueológico Alto Jequitinhonha – Relatório 2010-2012*. Diamantina-MG: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG.
- SILVA, A. C.; PEDREIRA, L. C. V. SF. & ALMEIDA ABREU, P. A. 2005. *Serra do Espinhaço Meridional: Paisagens e Ambientes*. Belo Horizonte: O Lutador, 2005. 272p.
- SILVA, L. A. 2014. *Cadeia operatória do conjunto artefactual lítico do Holoceno médio: abrigo Cabeças 4, Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, MG*. Pelotas-RS: Projeto de Mestrado, PPG-Antropologia.
- TAMEIRÃO, J. R. 2013. *Além das Pedras: uma abordagem tecnológica do conjunto artefactual do sítio arqueológico Mendes II, Diamantina, MG.* Trabalho de Conclusão de Curso. Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Bacharelado em Humanidades.